Histórias que o Povo Conta

Tradição Popular

Ricardo Azevedo

Quanta coisa o povo inventa!

Macaco falante, príncipe valente, tartaruga voadora. Velha ranzinza e bicharada encrenqueira. Tudo isso e muito mais saiu da cabeça do povo e foi contado neste livro.

São histórias tão antigas que ninguém mais sabe quem inventou. Elas já eram contadas bem antes de nossos tataravós existirem, e continuam vivas até hoje. Quem ouvia e gostava, acabava contando para outras pessoas, que também passavam adiante. Assim, de boca em boca, elas foram se modificando, ganhando um monte de versões diferentes pelo Brasil afora e resistindo à passagem do tempo.

O escritor Ricardo Azevedo adora ouvir as histórias que o povo conta e reuni-las em livros.

Aqui você vai conhecer seis delas. Cada uma é de um tipo de conto folclórico, de acordo com a classificação de Câmara Cascudo, um estudioso da tradição popular.

Agora é com você! Vire a página que a confusão vai começar!

Os editores

Sumário

1. CONTO DE ANIMAIS
O macaco e a onça

2. CONTO DE ENCANTAMENTO
O rei que ficou cego

3. CONTO DE RISO
O macaco e a velha

4. CONTO DE ORIGEM
A tartaruga e a fruta amarela

5. CONTO DE SABEDORIA
O gambá e o jarro de leite

6. CONTO ACUMULATIVO
O gato e o burro

Na boca do povo

1. CONTO DE ANIMAIS

Nesse tipo de história, os personagens são animais, mas agem como se fossem gente. Costumam aparecer disputando alguma coisa, como o macaco e a onça que você vai conhecer a seguir. Esta espécie de conto também é chamada de fábula, principalmente quando termina com uma lição de moral explícita.

O macaco e a onça

A onça era o bicho mais bravo e malvado da floresta. Comia anta. Comia capivara. Comia tatu. Comia queixada. Comia veado. Só não comia o macaco, pois esse a onça não conseguia pegar, de jeito nenhum.

— Um dia eu agarro esse malandro — dizia ela lambendo os beiços.

Quando foi um dia, a onça teve uma idéia.

Subiu no alto de uma pedra e chamou a bicharada da floresta. Avisou que ia dar uma festa. Mas tinha uma coisa. A onça fazia questão:

— Quero que cada bicho traga sua mãe.

— Pra quê? — perguntou a anta.

A onça fez cara de inocente. Inventou que era para ver quem gostava e quem não gostava da própria mãe:

— Quem não trouxer, já sei que não gosta! A bicharada caiu na conversa fiada da onça.

Mas o macaco ficou desconfiado. Voltou para casa e escondeu a mãe no galho mais alto do tronco mais alto da árvore mais alta do morro mais alto da floresta.

O dia da festa chegou.

A bicharada apareceu toda contente, cada um trazendo a sua mãe.

Que desgraceira!

A onça deu um bote e foi comendo tudo quanto foi mãe de bicho que encontrava no caminho.

Quando estava de pança cheia, encontrou o macaco:

— Cadê sua mãe?

O macaco encheu os olhos de cuspe, botou a mão no peito, fez careta e começou a berrar:

Ai de mim, ai de mim
Minha pobre mãe morreu
Minha mãe era um quindim
Veio uma onça e comeu

O macaco gritava, chorava e ria.

A onça ficou com raiva, pois não tinha comido nem a mãe do macaco nem, muito menos, o macaco.

Tempos depois, a malvada teve outra idéia.

— Agora eu cato o danado!

Ficou escondida bem no caminho que o macaco pegava todos os dias.

No fim da tarde, o macaco apareceu.

Sentiu um cheirinho estranho no ar.

"Aqui tem onça", pensou ele.

Para ter certeza, parou, olhou bem para o chão e gritou:

Caminho, cadê você
Caminho, quero passar
Caminho, se não responde
Vou já pra outro lugar

O caminho, claro, continuou quieto, parado no chão.

O macaco sacudiu os ombros, deu meia-volta e fingiu que ia embora.

Ao ver o macaco escapar mais uma vez, a onça disfarçou e fez voz de estrada:

— Uh! mucucu. Num vui imbura num. Pudi pussur qui iu istu uqui.

Ao ouvir aquela voz fingida, o macaco caiu na gargalhada:

Cai fora, onça, cai fora
Cai fora, não vem com essa
Cai fora que eu vou-me embora
Cai fora, que eu estou com pressa!

Disse isso, saltou num galho e sumiu rindo e dançando no meio das folhagens.

A onça ficou tiririca. Arreganhou os dentes e resmungou baixinho:

— Um dia eu te pego, pelintra!

Passou o tempo. A onça teve outra idéia. Subiu no alto de uma pedra e chamou a bicharada. Disse:

— Descobri que tem uma santa morando na floresta. Vamos fazer um altar pra botar a santa.

Mandou a bicharada juntar madeira e construir um altar. Explicou que no dia seguinte a santa ia aparecer.

A bicharada tinha medo da onça, por isso achou melhor obedecer.

A onça disse mais:

— Amanhã, todo mundo aqui. Se a santa estiver no altar quero ver a

bicharada cantando, dançando e tocando pandeiro.

No outro dia, logo cedo, a onça se enrolou num pedaço de linho branco, subiu no altar e ficou lá se fingindo de santa.

A bicharada, quando chegou, ficou espantada:

— Não é que apareceu uma santa mesmo? — disse a anta.

— Milagre! — gritou o papagaio.

— Eta coisa danada de boa! — disseram todos.

E a bicharada, feliz da vida, ficou cantando, dançando e tocando pandeiro em volta do altar.

A onça parada lá no alto só espiava. O macaco escutou aquela folia e resolveu ver o que estava acontecendo.

A onça sabia que o macaco era curioso. Sua idéia era agarrar o bicho quando este se aproximasse do altar.

Mas o macaco era esperto. Olhou para a santa. Olhou de novo. Olhou outra vez e logo desconfiou. Só de pirraça, saltou da árvore no chão e começou a rezar, a dançar e a cantar:

Me salva, santa, me salva
Que a onça quer me pegar
Me ajuda, santa, me ajuda
Que a onça vai me matar

E o macaco foi dançando e foi chegando perto. De repente, de surpresa, catou uma pedra no chão e atirou bem na cara da onça:

Sai daí, santa malvada
Sai desse pano de linho
Vai embora, onça pintada
Vai embora do meu caminho

Rosnando furiosa, com a fuça machucada, a onça saltou do altar mas não pegou coisa nenhuma. O macaco, ligeiro feito um corisco, sumiu no matagal

cantando:

Um bicho quer me prender
Mas não vai
Um bicho quer me caçar
Mas não vai
Um bicho quer me comer
Mas não vai
Um bicho quer me matar
Mas não vai

2. CONTO DE ENCANTAMENTO

É o famoso conto maravilhoso ou conto de fadas. É aquele tipo de história, por exemplo, em que um príncipe é transformado em monstro por uma bruxa, ou então sai pelo mundo enfrentando desafios impossíveis e acaba sendo ajudado por algum elemento mágico. O conto de encantamento quase sempre tem um final feliz.

O rei que ficou cego

Era um rei muito poderoso. Certa manhã, ao acordar, reparou que tudo estava escuro. Tateando, cruzou o quarto e abriu a janela. Para sua surpresa, o céu estava negro, o chão estava negro, as árvores estavam negras e o mar estava negro.

Soltando um grito de dor, o rei compreendeu que tinha ficado cego.

Muitos médicos e feiticeiros foram chamados mas nenhum conseguiu trazer a luz de volta aos olhos do rei.

Um dia, um vulto encapuzado e curvo, coberto de panos, apareceu no palácio. Disse que no país do Quem-vai-lá-não-volta morava um gigante e que o tal gigante tinha uma fonte. Segundo o vulto, as águas dessa fonte podiam curar os

olhos do rei. Bastava alguém ir até lá com uma garrafa buscar um pouco da água milagrosa.

O vulto disse isso e desapareceu no ar feito fumaça.

O soberano tinha três filhos.

Ao ouvir a notícia sobre a fonte do país do Quem-vai-lá-não-volta, o rei foi conversar com o filho mais velho, que exclamou:

— É muito simples! Basta mandar um soldado pegar a tal água!

Mas o filho mais novo não concordou:

— E se o soldado disser que foi mas não foi? Acho que um de nós deve ir.

Ficou acertado que iria o príncipe mais velho.

O rapaz pegou seu cavalo negro e partiu. Andou dias e noites e, ao chegar a um certo país distante, encontrou um morto deitado no meio da rua.

O filho mais velho do rei cego perguntou o que era aquilo.

Responderam que naquele lugar quem morria sem pagar suas dívidas não podia ser enterrado. Ficava no chão para ser devorado pelos animais.

O moço sacudiu os ombros e seguiu em frente.

Depois de muito andar, chegou ao país de Quem-vai-lá-não-volta e parou numa estalagem. Entrou, bebeu, comeu e foi atendido por uma moça muito linda. Acabou se esquecendo do gigante, da fonte, da garrafa e dos olhos do pai.

Foi ficando por lá mesmo.

O tempo passou.

Acreditando que seu filho tinha sido morto pelo gigante, o rei cego pediu ajuda a seu filho do meio.

O rapaz pegou seu cavalo cinza e partiu. Andou dias e noites e, chegando a um certo país distante, encontrou um morto deitado no meio da rua.

O filho do meio do rei perguntou o que era aquilo.

Responderam que naquele lugar quem morria sem pagar suas dívidas não podia ser enterrado. Ficava no chão para ser devorado pelos animais.

O moço sacudiu os ombros e seguiu em frente.

Depois de muito andar, chegou ao país do Quem-vai-lá-não-volta e parou numa estalagem. Ficou feliz ao reencontrar seu irmão mais velho. Entrou, bebeu, comeu e foi atendido por uma moça ainda mais linda. Acabou se esquecendo do

gigante, da fonte, da garrafa e dos olhos cegos do pai. Foi ficando por lá mesmo.

O tempo passou.

Acreditando que seu filho do meio também tinha sido morto pelo gigante, o rei cego pediu ajuda a seu filho caçula.

O rapaz pegou seu cavalo branco e partiu. Andou dias e noites e, chegando a um certo país distante, encontrou um morto deitado no meio da rua.

O filho caçula do rei perguntou o que era aquilo.

Recebeu a mesma resposta: naquele reino quem morria sem pagar suas dívidas não podia ser enterrado. Ficava no chão para ser devorado pelos animais.

O moço não gostou do que ouviu. Pagou as dívidas, mandou enterrar o defunto e seguiu viagem.

Depois de muito andar, chegou ao país do Quem-vai-lá-não-volta e parou numa estalagem. Ficou surpreso ao reencontrar seus irmãos.

— E o gigante? E a garrafa? O que aconteceu? — perguntou o moço.

Os outros riram sem jeito:

— Tudo aqui é tão gostoso!

E pediram ao irmão caçula que descesse do cavalo para descansar um pouco.

O rapaz entrou, bebeu, comeu e foi atendido por uma moça muito, muito linda.

Quando acabou de comer, disse que precisava encontrar o gigante e a garrafa com o líquido que podia curar os olhos cegos do pai. Levantou da mesa, pegou seu cavalo e foi embora.

Viajou pelo país do Quem-vai-lá-não-volta até encontrar o castelo do gigante.

Bateu na porta. O próprio gigante veio atender.

O príncipe explicou o caso. Contou dos olhos cegos do pai. Disse que precisava levar uma garrafa com água da fonte.

O gigante disse que daria a água mas com uma condição. Só se o rapaz fosse até o palácio de vidro que ficava no alto de uma montanha pegar uma espada de ouro.

— Se conseguir trazer a espada, eu deixo você levar a garrafa cheia de

água — prometeu o gigante.

O rapaz montou no cavalo e partiu.

Infelizmente, no meio do caminho esbarrou num rio imenso com correntezas violentas e ondas de mais de vinte metros.

Era impossível atravessar. O rapaz ficou sem saber o que fazer.

Foi quando apareceu um vulto encapuzado e curvo, coberto de panos. O vulto disse:

— Não tenha medo. Pegue seu cavalo, feche os olhos e atravesse o rio, pois nada vai acontecer.

E disse ainda que, quando o rapaz chegasse ao palácio, de vidro, ia encontrar dois exércitos guerreando. Haveria mortes, gritos, sangue, espadas, lanças e flechas para todos os lados.

— Não se preocupe com nada — disse o encapuzado.

— Passe no meio da batalha como se nada estivesse acontecendo, entre no palácio, pegue a espada de ouro e vá embora. E não se esqueça de trazer a bainha.

O vulto disse isso e desapareceu no ar feito fumaça.

O rapaz não tinha escolha.

Fechou os olhos, saiu galopando e saltou dentro do rio.

Nada de mau aconteceu. Chegando ao palácio de vidro, meteu-se no meio da batalha e passou sem ser ferido. Entrou no palácio, pegou a espada e bainha e saiu. Não encontrou mais nem batalha, nem rio. Tudo havia desaparecido.

O moço correu para o castelo do gigante, que ficou muito contente com a espada, mas disse:

— Só deixo pegar a água da fonte se você for ao palácio de cristal e trouxer o cavalo prateado.

O príncipe não teve outro jeito e concordou.

No meio do caminho, encontrou novamente o vulto encapuzado e curvo, coberto de panos. O vulto disse:

— O gigante quer acabar com você, mas não vai conseguir.

Preste bem atenção.

Havia um novo e perigoso rio. Suas águas eram cheias de monstros. O vulto mandou o rapaz atravessar o rio, sempre de olhos fechados. Disse que, quando

chegasse do outro lado, ia encontrar mais de duzentos cavalos lutando, dando coices e patadas uns nos outros.

— Não tema. Meta-se no meio deles até encontrar o cavalo prateado. É o mais bonito, o mais bravo, o mais louco, o que dá mais coices. Vá até ele, passe uma corda em seu pescoço e venha embora.

O vulto disse isso e desapareceu sem mais nem menos.

O rapaz não tinha escolha.

Fechou os olhos, saiu galopando e saltou no rio dos monstros. Nada de mau lhe aconteceu. Chegando ao palácio de cristal, meteu-se no meio da luta entre os cavalos e não levou nem um coice. No meio da confusão, encontrou o cavalo prateado. Era uma fera, empinando, mordendo e dando patadas. O filho mais novo do rei jogou uma corda no pescoço do bicho e veio embora. Na volta, não encontrou mais nenhum cavalo lutando, nem rio cheio de monstros, nem nada.

Tudo havia desaparecido.

O moço correu para o castelo do gigante, que ficou muito contente ao ver o cavalo prateado mas disse:

— Só deixo levar a água da fonte se você for ao palácio de diamante e trouxer minha filha que vive lá presa.

O príncipe não teve outro jeito e concordou.

Quase no fim do caminho, encontrou novamente o vulto encapuzado e curvo, coberto de panos. O vulto avisou:

— Não se preocupe. Essa vai ser sua última viagem a mando do gigante. Não tenha medo de nada. Vai encontrar um rio de fogo. Salte dentro das chamas e vá em frente.

Ao chegar ao palácio de diamante, você vai enxergar vários leões tomando conta. Se estiverem de olhos fechados é sinal de que estão acordados. Se estiverem de olhos abertos, é porque estão dormindo.

E o vulto acrescentou que o rapaz só deveria entrar no palácio quando os leões estivessem de olhos abertos. Disse também que a filha do gigante estava no palácio sentada num trono com doze cobras venenosas em volta. Mandou ter coragem, andar com cuidado para não pisar nos rabos das serpentes, pegar a moça no colo e fugir. Aconselhou ainda:

— Quando estiver voltando para casa, não pare de jeito nenhum, na estalagem onde estão hospedados seus irmãos!

Dizendo isso, sumiu.

O rapaz atravessou o rio de fogo, fez tudo o que o vulto recomendou e trouxe a moça de volta.

Foi correndo para o castelo do gigante, que ficou muito contente ao ver a filha e disse:

— Agora você pode escolher: ou fica com minha filha, com o cavalo prateado e com a espada de ouro ou leva a garrafa cheia de água.

O rapaz vacilou.

A filha do gigante era a moça mais linda e perfumosa que ele já tinha visto na vida.

O rapaz abaixou a cabeça. Disse que levava a garrafa.

Depois, já com a água, montou o seu cavalo branco e partiu.

No meio do caminho, escutou um galope. Olhou para trás.

Era a moça, a filha do gigante. A moça chegou toda risonha cavalgando o cavalo de prata com a espada de ouro na mão:

— Eu estava encantada pelo gigante e agora sou livre, graças a você. Quis ficar com a garrafa mas agora, além dela, tem também a espada de ouro, o cavalo prateado e a mim, se quiser.

O rapaz abraçou a moça cheio de felicidade.

No fim do dia, os dois chegaram a uma estalagem. Era o lugar onde estavam hospedados os dois irmãos do moço.

Ao reencontrar seus irmãos, o príncipe ficou tão feliz que se esqueceu das palavras do vulto:

— Queridos irmãos — disse ele —, consegui arrancar do gigante a garrafa com a água que vai curar nosso pai.

Arrumem suas coisas. Amanhã cedo vamos todos juntos de volta para casa.

Os irmãos mais velhos vibraram de alegria. Por fora.

Por dentro, ficaram mordidos da mais negra e suja inveja.

No dia seguinte, o grupo partiu.

Andaram, andaram e andaram. Numa tarde, o calor estava abrasador e os

viajantes sem uma gota d'água. Quando finalmente encontraram um poço, descobriram que não tinham como tirar a água.

— A gente amarra você numa corda, você vai até o fundo e pega a água com o chapéu — disse o irmão mais velho ao irmão caçula.

O moço foi. Quando estava lá embaixo, os dois irmãos cortaram a corda, agarraram a garrafa com o remédio, a filha do gigante, o cavalo de prata, a espada de ouro e foram embora.

Diante daquela traição, a pobre moça se desesperou, deu um grito e ficou muda.

O irmão mais velho e o irmão do meio chegaram de volta ao palácio de seu pai e foram recebidos como heróis.

Mentiram. Disseram que tinham arriscado a vida para conseguir o remédio. Disseram que o irmão mais novo tinha morrido durante o combate.

A moça muda chorava sem conseguir dizer nada.

Na hora de mostrar o cavalo prateado, o bicho empinou, deu coices e patadas para todos os lados e desembestou fugindo para um morro perto dali.

Na hora de mostrar a espada de ouro, ninguém teve força para arrancá-la da bainha.

Na hora de abrir a garrafa com a água que traria a luz para os olhos do rei, ninguém conseguiu, nem com martelo nem com alicate.

A decepção foi geral. Abatido, o rei voltou para seu quarto escuro. De que adiantava um santo remédio que ninguém podia tomar?

Enquanto isso, o filho mais moço do rei continuava preso no poço chorando e gritando por socorro. Um dia, escutou uma voz. Era, de novo, o vulto encapuzado e curvo, coberto de panos. O vulto disse:

— Bem que eu avisei. Não devia ter voltado à estalagem onde estavam seus irmãos. Agora, pegue essa corda e segure firme.

E assim, graças ao vulto, o rapaz conseguiu sair do poço.

Foi então. O vulto arrancou os panos que cobriam seu corpo. Era um esqueleto. O filho caçula do rei cego levou um susto.

— Não tenha medo — disse o esqueleto. — Graças a você minhas dívidas foram pagas e eu pude ser enterrado.

Se quiser, posso levá-lo agora, neste instante, até o reino de seu pai.

— Mas o reino fica muito longe daqui! — exclamou o jovem.

— Confie em mim. Basta você se agarrar nas minhas costas.

Desconfiado, o príncipe caçula examinou o esqueleto.

Perguntou:

— Você é o morto ou é a morte?

— Eu sou o morto agradecido! — revelou o esqueleto com seu sorriso cheio de ossos.

O rapaz respirou fundo, agarrou firme nas costas do esqueleto e fechou os olhos.

O esqueleto levantou vôo mergulhando num espaço incompreensível.

A viagem durou pouco tempo. Logo, os dois já estavam aterrissando nas terras distantes do rei cego.

O moço agradeceu, despediu-se do esqueleto e saiu andando.

Estava magro, barbudo e esfarrapado, por isso ninguém o reconheceu.

Chegando ao castelo, avistou o cavalo prateado passeando ali perto, solto, no alto do morro. Perguntou que cavalo era aquele.

— Nesse ninguém monta — disseram as pessoas.

A figura magra e barbuda pulou a cerca, foi até o morro, chamou o cavalo e montou.

A notícia logo chegou aos ouvidos do rei.

— Se o barbudo montou no cavalo, talvez seja capaz de tirar a espada de ouro da bainha — disseram todos.

O desconhecido esfarrapado foi convidado a visitar o palácio.

Trouxeram a espada de ouro.

A figura magra e barbuda tirou a espada da bainha com a maior facilidade.

O espanto era geral.

— Se o barbudo montou no cavalo e desembainhou a espada de ouro, talvez seja capaz de abrir a garrafa com o remédio do rei — disseram todos.

Trouxeram o vidro mas o desconhecido disse:

— Só abro o remédio no quarto do rei.

A figura magra e barbuda foi levada até lá. O rei estava deitado na cama. O

esfarrapado então tirou a tampa da garrafa e, com cuidado, passou o líquido nos olhos do rei.

Foi um milagre.

Os olhos do rei se abriram e brilharam. Em seguida, o velho examinou a figura magra e barbuda e, espantado, gritou:

— Filho!

Nesse instante, a moça muda apareceu no quarto acompanhando a rainha.

Ao ver o esfarrapado, simplesmente voltou a falar:

— Ele voltou!

Então a moça contou tudo o que havia acontecido. Falou do país do Quem-vai-lá-não-volta, do gigante e tudo o mais.

No fim, os irmãos traidores foram trancados na prisão.

O príncipe caçula casou com a moça.

O rei, que agora tudo via, mandou realizar a maior festa que jamais se viu até os dias de hoje.

Eu também estive lá
E trouxe até um docinho
Mas confesso minha gente
Comi tudo no caminho!

3. CONTO DE RISO

É uma espécie de piada mais longa, cheia de detalhes.

No conto a seguir, recheado de ingredientes interessantes como trechos para se cantar e um final inesperado, a ingenuidade e, depois, a malandragem do macaco fazem com que ele passe por uma forte experiência.

O macaco e a velha

Era uma casa em cima do morro. A velha morava lá. Na frente tinha jardim e atrás um montão de bananeira. Perto da porta da cozinha ficava uma escada de pegar banana. A escada quebrou.

As bananas estavam madurinhas.

Um macaco vinha passando e a mulher chamou:

— Me ajuda a catar?

O macaco disse sim. Trepou pelas folhas, deu um suspiro e desandou a comer tudo quanto foi banana bem bonita.

A velha gritou:

— Safado!

O macaco ria.

— Pelintra!

A mulher ralhava. O macaco só jogava pra velha banana verde ou então fedida, cheia de mosca e mancha preta.

Depois o macaco deu até logo e foi embora.

A velha juntou a banana que sobrou, xingando e caraminholando.

Mandou fazer uma boneca grudenta de cera. Botou na porta de casa, junto de uma cesta cheia de banana. E ficou agachada espiando.

Passou um dia. Nada.

Passou outro dia.

No terceiro, o macaco passou e sentiu um cheirinho bom.

Veio chegando:

— Ô Caterina! Quero banana...

A boneca nem se mexeu. No céu, um sol de rachar.

O macaco pediu outra vez. A boneca quieta. O macaco falou grosso:

— Me dá uma banana, ô Caterina, senão leva um tapa.

A boneca nada e ele — pá — deu e ficou com a mão colada no beiço da moça de cera.

— Larga minha mão senão leva um beliscão!

A boneca nem ligou. O macaco deu e ficou com a outra mão presa.

— Me solta, ô Caterina! Me solta senão toma um chute!

Esperou que esperou. Meteu o pé e ficou mais grudado ainda.

— Diaba! Moleca! Me larga, ô Caterina! — berrou o macaco preparando outro pé.

Chegou a velha arregaçando os dentes:

— Agora você me paga!

Levou o macaco lá dentro e mandou a cozinheira preparar o coitado para comer na janta.

A empregada foi e fez.

Na hora de matar, o macaco revirou os olhos e cantou:

Me mata devagar
Que dói, dói, dói
Eu também tenho filhos
Que dói, dói, dói

Na hora de esfolar, o macaco cantou:

Me esfola devagar
Que dói, dói, dói
Eu também tenho filhos
Que dói, dói, dói

Na hora de temperar, o macaco cantou:

Me tempera devagar
Que dói, dói, dói
Eu também tenho filhos
Que dói, dói, dói

Na hora de assar, o macaco cantou:

Me assa devagar
Que dói, dói, dói
Eu também tenho filhos
Que dói, dói, dói

A cozinheira serviu o macaco num prato enfeitado com arroz, feijão-preto, couve, farofa e mandioca frita.

A velha estalou a língua, sorriu, cortou um pedaço e mordeu.

Na hora de mastigar, o macaco cantou:

Mastiga devagar
Que dói, dói, dói
Eu também tenho filhos
Que dói, dói, dói

A velha estranhou, apertou os olhos mas comeu tudinho.

Foi quando deu uma dor de barriga daquelas, pior do que rebuliço nas tripas. A mulher levantou, sentou, andou para lá e para cá. Não teve jeito, era o macaco pedindo:

— Quero sair.

A velha respondeu:

— Sai pelas orelhas.

— Não posso não, que tem cera — gritou o macaco. — Quero sair!

A barriga da mulher doía.

— Sai pelo nariz.

— Tá assim de gosma. Quero sair!

A barriga roncava cada vez mais.

— Sai pela boca.

— Pela boca não dá que tem cuspe. Quero sair!

Aí a velha estufou que estufou, estufou e pum!

Foi um estouro que se ouviu lá de longe.

E de dentro dela saiu o macaco e mais um bando de macaquinhos, tudo

tocando viola, dançando e cantando:

Eu vi a bunda da velha iá, iá
Eu vi a bunda da velha iô, iô

4. CONTO DE ORIGEM

Esse tipo de história sempre tenta explicar como surgiu alguma coisa. Nisso, relaciona-se com os mitos, narrativas religiosas que contam como os deuses fizeram o mundo, como apareceram os homens, os animais, as plantas e tudo o que é conhecido.

A tartaruga e a fruta amarela

O tempo era de seca. O calor estava de rachar pedra. Sem chuva, a floresta quase secou. A bicharada andava para lá e para cá cheia de fome e de sede.

Um dia, ninguém sabe como, apareceu uma árvore carregadinha de frutas. As frutas eram lindas e amarelas mas os bichos ficaram com medo.

— E se for azeda? — disse o papagaio.

— E se for venenosa? — disse o macaco.

— E se for feitiço? — disse a capivara.

Com água na boca, a bicharada olhava aquelas frutas madurinhas mas ninguém tinha coragem de experimentar.

— A gente não pode comer a fruta sem saber o nome dela — ensinou a coruja.

Então, os bichos fizeram uma reunião e escolheram a anta.

— Vá até o céu — pediram eles —, e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

A anta foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela a anta voltou do céu cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

Acontece que no caminho morava uma bruxa malvada.
A mulher perguntou que cantoria era aquela e a anta explicou.
A bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo
Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina

Ouvindo o canto da bruxa, a anta se confundiu. Ao chegar na floresta não conseguiu mais lembrar nome nenhum.

Os bichos fizeram outra reunião e escolheram o tatu.

— Vá até o céu — pediram eles —, e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

O tatu foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela, o tatu voltou do céu cantando.

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

No caminho, encontrou a bruxa malvada.
A mulher perguntou que cantoria era aquela e o tatu explicou.

A bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo
Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina

Ouvindo o canto da bruxa, o tatu se confundiu. Ao chegar na floresta não conseguiu mais lembrar nome nenhum.

Outra vez, os bichos fizeram uma reunião e escolheram a tartaruga.

— Vá até o céu — pediram eles —, e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

A tartaruga foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela a tartaruga voltou do céu cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

No caminho, encontrou a bruxa malvada.

A mulher perguntou que cantoria era aquela. A tartaruga não disse nada e continuou cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

Mas a bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo

Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina

A tartaruga nem ligou. Continuou pelo caminho cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

Então a bruxa gritou:

Carapina, carapuça
Caravela, caravana
Cara-suja, caradura
Carafuzo, carapinha

A tartaruga gritou mais alto:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome

A bruxa berrou:

Carapeba, carangola
Carandonga, caripora
Caraúba, caraíba
Carantonha, curupira

A tartaruga nem ligou. Continuou cantando sua música sem errar:

Carambola, carambola
Não posso esquecer o nome

Foi quando a bruxa perdeu a cabeça, agarrou a tartaruga, bateu e jogou no chão.

E a tartaruga:

Carambola, carambola
Que meu povo anda com fome

A bruxa atirou um monte de pedra em cima da tartaruga.

E a bichinha:

Carambola, carambola
Não posso esquecer o nome

No fim, a bruxa bateu na tartaruga com um pedaço de pau.

Depois, com um pedaço de ferro. Depois, atirou a coitada do alto do despenhadeiro. A tartaruga caiu lá embaixo no meio das pedras, levantou-se, sacudiu a poeira e continuou cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer o nome
Carambola, carambola
Que meu povo anda com fome

Vendo isso, a bruxa desistiu de tudo e foi embora para sempre.

A tartaruga chegou na floresta cansada. Contou o nome da fruta amarela. A bicharada agradeceu, fez uma festa e matou a fome e a sede de tanto comer a fruta amarela.

Desde então o povo da floresta passou a conhecer a carambola.

Desde então, por causa de tantos tombos, pancadas e quedas, a tartaruga ficou com o casco enrugado e achatado na parte de baixo.

5. CONTO DE SABEDORIA

Também chamado de conto de exemplo. Apresenta, claramente, uma lição para a vida. Quase todos os contos populares fazem isso, mas no caso dos contos de sabedoria é mais evidente. É o que você vai perceber na história a seguir, que fala de um gambá muito sonhador.

O gambá e o jarro de leite

O gambá vivia escondido num buraco em cima de uma árvore.

Toda noite, depois que o fazendeiro ia dormir, o danado saía da toca e desandava a fazer coisa errada. Roubava e comia as frutas do pomar. Entrava na cozinha e bebia cachaça.

Brigava com o gato. Arrombava a porta do galinheiro, chupava os ovos e ainda matava um monte de galinhas.

Um dia, o gambá encontrou um jarro cheio de leite e logo teve uma idéia. Mandou fazer um paletó, botou o jarro na cabeça e foi embora para a cidade.

"Vou trocar o jarro por duas dúzias de ovos", pensou o gambá. "Dos ovos vão nascer vinte e quatro pintinhos. Os pintinhos vão crescer e virar vinte e quatro frangos. Vou vender meus frangos e com o dinheiro compro um boi e três vacas."

O gambá sorria andando pela estrada de terra com o garrafão no alto da cabeça.

"Do boi e das três vacas vão nascer muitos e lindos bezerrinhos. Vou criar os bezerros para vender e depois comprar mais bois e mais vacas. Quando a minha criação de gado ficar bem grande, vendo tudo e compro uma fazenda."

O gambá sonhava.

"Minha fazenda vai ser das grandes."

E o bicho andava, e andando via a fazenda na sua frente.

"Ali", apontava ele com o dedinho no espaço, "vai ser o pomar cheio de frutas deliciosas". "Mais pra lá", mostrava ele com a outra mão, "vou construir um curral. Em cima daquele morro, assim, vai ser o pasto para a criação de gado.

Minha casa vai ficar bem ali, perto do lago. Vou ter ovos, pois pretendo construir um galinheiro."

O gambá ria sozinho:

"Vou ficar rico. Vou ter um baú cheio de dinheiro".

E ria mais:

"Fora isso, vou mandar plantar bastante cana para fazer cachaça só para mim!".

E o malandro já se imaginava de bota de couro e chapéu de abas largas, fumando charuto e andando para lá e para cá, mandando e desmandando na sua fazenda imensa.

Sonhou tanto que acabou tropeçando numa pedra. O jarro escorregou e se espatifou no chão.

O gambá ficou parado olhando o leite derramado. Depois, voltou para o seu buraco em cima da árvore, pegou uma violinha de dez cordas e cantarolou:

Minha gente eu tive um sonho
Quis do nada fazer renda
Sonhei que de um simples jarro
Eu tirava uma fazenda

Sem trabalho nem esforço
Só na manha e na moleza
Quis ter dinheiro e fortuna
Que ser rico é uma beleza!

Mas foi tudo uma miragem
Bem no meio do caminho

Bem no meio da viagem
Uma pedra fez seu ninho

Que tristeza, minha gente
Por causa de um tropeção
Lá se foi minha esperança
Meu sonho quebrou no chão

Adeus, frutas do pomar
Adeus, gado e galinheiro
Adeus, fazenda e cachaça
Adeus, baú de dinheiro

Agora vivo a cantar
Que chorar não me consola
Perdi fazenda e dinheiro
Mas guardei minha viola!

6. CONTO ACUMULATIVO

Neste tipo de conto, o herói tem um problema e para resolvê-lo faz uma série de tentativas que vão se repetindo de forma sucessiva. Todos os elementos que entram na história são retomados, sempre na mesma ordem, até o fim. A acumulação é uma técnica de memorização muito antiga.

O gato e o burro

O gato e o burro saíram para dar uma voltinha. No meio do caminho

encontraram uma árvore.

— Quer valer como eu consigo trepar na árvore mais depressa que você? — perguntou o gato.

— Apostado! — respondeu o burro.

Os dois saíram correndo mas, claro, o gato venceu fácil.

O bichano ficou lá no alto miando e dando risada do burro.

O burro não gostou nem um pouco. Esperou o gato descer, deu uma mordida e arrancou seu rabo fora.

— Me dá meu rabo! — gritou o gato.

— Não dou!

— Me dá meu rabo!

— Só dou se você me arrumar um copo de leite quente.

O burro e o gato foram conversar com a vaca. O gato pediu:

— Vaca, me arranja um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E a vaca:

— Só se você me arrumar capim.

O burro e o gato foram conversar com o barranco. O gato pediu:

— Barranco, me arranja um pouco de capim para eu dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E o barranco:

— Só se você me arrumar água.

O burro e o gato foram conversar com a represa. O gato pediu:

— Represa, me arranja água para eu dar para o barranco para ele me dar um pouco de capim para eu dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E a represa:

— Só se você me arrumar uma enxada para tapar meus buracos.

O burro e o gato foram conversar com o ferreiro. O gato pediu:

— Ferreiro, me arranja uma enxada para eu dar para a represa para ela me dar água para eu dar para o barranco para ele me dar um pouco de capim para eu

dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E o ferreiro:

— Só se você me arrumar um par de sapatos, que eu ando descalço.

O burro e o gato foram conversar com o sapateiro. O gato pediu:

— Sapateiro, me arranja um par de sapatos para eu dar para o ferreiro para ele me dar uma enxada para eu dar para a represa para ela me dar água para eu dar para o barranco para ele me dar um pouco de capim para eu dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E o sapateiro:

— Só se você me arrumar um saco de pão, que eu estou com fome.

O burro e o gato foram conversar com o padeiro. O gato pediu:

— Padeiro, me arranja um saco de pão para eu dar para o sapateiro para ele me dar um par de sapatos para eu dar para o ferreiro para ele me dar uma enxada para eu dar para a represa para ela me dar água para eu dar para o barranco para ele me dar um pouco de capim para eu dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

E o padeiro:

— Só se você me arrumar trigo.

O burro e o gato foram conversar com um trabalhador que plantava trigo no campo. O gato pediu:

— Trabalhador, me arranja um pouco de trigo para eu dar para o padeiro para ele me dar um saco de pão para eu dar para o sapateiro para ele me dar um par de sapatos para eu dar para o ferreiro para ele me dar uma enxada para eu dar para a represa para ela me dar água para eu dar para o barranco para ele me dar um pouco de capim para eu dar para a vaca para ela me dar um copo de leite quente para eu dar para o burro, que não quer devolver meu rabo?

O trabalhador estava ocupado e não gostou de tanta falação:

— Burro não toma copo de leite quente!

Depois pegou um pedaço de pau e saiu correndo atrás do burro e do gato dando cada pancada que até ardia de tão doída.

Na boca do povo

Que pena! Fim das histórias. O contador meteu a viola no saco e foi-se embora. Mas ainda não é hora de você partir. Nas próximas páginas você vai conhecer um pouco da vida do escritor

Ricardo Azevedo, da tradição de contar causos e outros jeitos que o povo arruma para inventar uma boa história.

Sem perder a memória

Ainda bem que mesmo depois que a escrita se espalhou pelo mundo as velhas narrativas orais continuaram a existir. Ouvir história é bom demais!

Mas as histórias passadas há séculos de geração em geração correm o risco de se perder por exemplo, quando os jovens não se interessam mais em ouvir as narrativas antigas contadas pelos mais velhos.

Mas existem pessoas que fazem de tudo para preservar as tradições. São os folcloristas. Eles viajam por toda parte, escutando, anotando e gravando tudo de interessante que as pessoas contam.

Um dos mais famosos folcloristas foi Luiz da Câmara Cascudo, que nasceu em 1898 na cidade de Natal (RN) e morreu em 1986.

Foi ele que dividiu os contos da tradição popular nas categorias que usamos neste livro. Aqui, damos exemplos de seis delas: conto de animais, conto de encantamento, conto de riso, conto de origem, conto de sabedoria e conto acumulativo.

Outros modos de contar um causo

Não é só conversando que o povo conta história.
Há muitas outras maneiras de soltar a imaginação.
Quer ver alguns exemplos?

Repente

Os repentistas contam histórias cantando. São violeiros que criam versos de improviso, sempre com as rimas nos lugares certos, e conseguem inventar na hora canções sobre qualquer assunto.

Literatura de cordel

São folhetos com narrativas em versos, vendidos em lugares públicos, como feiras livres. Esses livrinhos normalmente ficam pendurados em barbantes, chamados cordéis, daí o nome literatura de cordel. São típicos do Nordeste, mas acabaram se espalhando por todo o brasil.

Xilogravura

Nos folhetos de cordel, as xilogravuras ajudam a contar a história. O artista entalha o desenho numa prancha de madeira, cobre com tinta e depois imprime no papel. As ilustrações de cordel são um símbolo da arte popular. Tanto que inspiram os desenhos que Ricardo Azevedo fez para este livro.

Folguedo dramático

Nesse tipo de manifestação popular, dança, teatro e música se misturam para contar uma história tradicional. É o caso do bumba-meu-boi, das cavalhadas, do

maracatu e tantos outros!

BIOGRAFIA

Ricardo Azevedo

Desde pequeno, o paulistano Ricardo Azevedo gosta de livros. Seus pais sempre incentivaram ele e seus irmãos a ler. Mantinham em casa uma grande biblioteca com obras de todos os tipos.

Na adolescência, Ricardo descobriu o talento para escrever. Embora não fosse bom aluno, tirava boas notas de redação.

Na época do vestibular, porém, não optou pela literatura. Resolveu estudar artes plásticas, e gostou tanto das aulas de desenho que virou ilustrador.

Entre escrever e desenhar, ele acabou ficando com os dois. Já lançou mais de noventa livros, muitos deles premiados. Alguns acabaram atravessando a fronteira: foram traduzidos e hoje são lidos em países como México e Alemanha.

Os contos e outras manifestações da cultura popular que pesquisou estão publicados em vários livros, como “Meu livro de folclore, Armazém do folclore e No meio da noite escura tem um pé de maravilha”. E ele não pretende parar de escrever tão cedo!

PALAVRA DE AUTOR

Um trabalho apaixonado

Ricardo Azevedo

"Há mais de vinte anos venho pesquisando a literatura popular,

principalmente adivinhas, quadras e contos. Já escrevi vários livros sobre o assunto.

Não sou folclorista, mas me baseio no trabalho deles para fazer o meu. Folcloristas andam pelo Brasil afora recolhendo contos e outras manifestações populares.

Seu objetivo é documentar o material bruto. Por exemplo, eles devem registrar um conto exatamente como foi contado com as mesmas palavras usadas pelo contador.

Meu trabalho é outro. Escolho uma história e reúno quantas versões puder, procurando nos livros de Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Câmara Cascudo e outros pesquisadores.

Baseado nelas, tento recuperar o que seria, a meu ver, o espírito da história.

Só então, sento para escrever o texto.

Quanto às ilustrações, venho desenvolvendo desenhos feitos a nanquim, inspirados nas xilogravuras nordestinas.

Sou apaixonado pela cultura popular e suas manifestações sempre surpreendentes."

ALÉM DO LIVRO

Lá vem história!

Você já ouviu alguma história parecida com as deste livro? Na sua família não tem ninguém que goste de contar uns causos assim? Pois é, essas histórias resistem há tanto tempo porque sempre tem alguém para passá-las adiante. E você, não quer entrar nessa corrente?

Vale a pena procurar os mais velhos e ouvir suas histórias com bastante atenção. Afinal, um dia você pode querer contá-las para alguém. Comparar versões diferentes da mesma história também é gostoso. Elas podem mudar muito de uma região para outra!

O próprio Ricardo Azevedo, autor deste livro, é um grande "escutador".

Mas ele não fica só repetindo o que ouve, igualzinho: conta a história do jeito dele.

E ele não é o único! Tem muita gente por aí que sabe história de Saci, Iara, Negrinho do Pastoreio... É só sair perguntando.

Quando você menos espera, lá vem história!

De onde vieram os textos deste livro?

Dois deles já haviam sido publicados: "O rei que ficou cego" (no livro “Armazém do folclore”) e "O macaco e a velha" (em “Meu livro de folclore”).

Os demais são inéditos.